

ALMEIDA, PALMIRA MORAIS ROCHA DE (2000),
Tradutores Portugueses de Anatole France de 1889 a 1940,
Lisboa: Edições Colibri

CARLOS CASTILHO PAIS

É esta uma obra que, inscrevendo-se nos Estudos Literários, deve agrupar-se naquele conjunto de ensaios que estudam a recepção portuguesa de obras de escritores estrangeiros. Ao debruçar-se sobre as traduções e os tradutores, este tipo de obras e, em geral, as obras da Estética da Recepção interessam aos Estudos de Tradução, sobretudo porque estes dão os primeiros passos entre nós. Deste modo, se, por um lado, a recensão desta obra se encontra plenamente justificada numa revista sobre tradução, por outro lado, ela deve ser compreendida em função da revista que a recebe. Assim, damos conta dos factos apresentados, relevantes para os Estudos de Tradução, ora questionando, ora salientando o interesse por alguns dados, deixando em silêncio aspectos que apenas dizem respeito aos Estudos Literários.

A autora investigou a recepção literária de Anatole France em Portugal durante o período que decorre entre 1889 e 1940 na sua dissertação de doutoramento. A obra que agora publica constitui, portanto, e como esclarece a autora, apenas uma parte de "uma mais vasta visão sobre a recepção de Anatole France em Portugal". Assim, a obra começa por apresentar-nos as obras traduzidas em finais do século XIX e início do século XX, publicadas na imprensa periódica e, geralmente, sem a indicação do nome do tradutor, prosseguindo, então, a ordenação dos capítulos segundo aquilo que o título da obra anuncia, pelos nomes dos tradutores.

De Oldemiro César (1884-1953), o primeiro tradutor conhecido da obra de Anatole France, a Paulo Braga (1905-1960), passando por Moraes Rosa, Justino de Montalvão, Eugénio Vieira, António Sérgio, João Keating e Jaime Cortesão, sem esquecer Henrique Lopes de Mendonça, o autor da letra do Hino Nacional português e da tradução da

peça teatral de Anatole *O Entremez da muda casada (La Comédie de celui qui épousa une femme muette)*, constatamos, em primeiro lugar, que a obra do escritor francês é estimada pelos intelectuais portugueses do princípio do século, resultando daí a dispersão da obra traduzida para português por alguns dos nomes mais ilustres da primeira metade do nosso século XX; em segundo lugar, não podemos, em boa verdade, no conjunto dos nomes, eleger, quer pela quantidade quer pela qualidade das traduções, *o tradutor de Anatole France*.

Não se contam mais do que duas obras traduzidas para qualquer dos tradutores mencionados, quedando-se a maior parte deles por apenas uma obra traduzida, conclusão a que chegamos após a leitura das informações que a autora nos fornece, que compreendem, para além dos dados biográficos sobre o tradutor, algumas referências à situação do original e às circunstâncias do surgimento da tradução. Quase a terminar cada capítulo, são apresentados pequenos trechos comparativos do original/tradução, faltando estes apenas no capítulo que estuda a obra do tradutor João Keating (*Pedrinho*).

Apesar do que se disse há pouco, é evidente o interesse pela obra do Prémio Nobel da Literatura do ano de 1921 por parte dos homens da *Seara Nova*, destacando-se aí o nome de António Sérgio, embora não se lhe conheça mais do que uma obra traduzida (*A Vida em Flor*), quando Jaime Cortesão é o tradutor de duas (*Jocasta e o Gato Magro, O Crime de Silvestre Bonnard*). No entanto, pertencem a António Sérgio os esforços que deveriam conduzir à tradução da obra completa de Anatole France para a língua portuguesa, projecto que incluiria o seu amigo Raul Proença - várias vezes trocado por Raul Brandão, perdoe-se a gralha. Com razão, utilizou a autora a correspondência entre António Sérgio e Raul Proença (António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*, Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional, 1987), permitindo antever, através das citações apresentadas, aquilo a que o investigador dos Estudos de Tradução há-de chamar um *projecto de tradução*. Ficamos a saber, em citação oportuna e bem escolhida, que António Sérgio não entrega a tradução a curiosos, recomendando aos editores os "verdadeiros escritores" para tradutores do seu projecto.

Acentuamos, evidentemente, o valor informativo da obra para os Estudos de Tradução, inquestionável, mas não devemos deixar de referir certos aspectos que merecem alguns reparos, que se devem mais à estrutura paradigmática em que a obra se inscreve, como ficou dito logo no início, do que a qualquer falha que deva ser apontada à autora.

Um estudo sincrónico como este, a possuir *a tradução* no posto de comando, o que não é manifestamente o caso, deveria apontar os modos de traduzir da época, a teoria ou as teorias em confronto e as idiossincrasias dos tradutores. Num trajecto destes contariam as obras traduzidas, como não poderia deixar de ser. E quando fosse possível, quando existissem, deveriam juntar-se-lhes outras traduções, elaboradas pelo mesmo ou por outros tradutores, e outros textos da

obra autónoma dos tradutores. Assim, a análise comparativa do texto traduzido com o texto original tomaria uma outra dimensão, que não é aquela que encontramos aqui. O resultado da análise comparativa que Palmira Rocha de Almeida apresenta reduz-se, quase sempre invariavelmente, a uma qualificação de 'excelente', 'fiel', 'exacta' da tradução, quando, nos exemplos que fornece, constata existirem até omissões, que fazem com que estremeça a qualificação atribuída. A análise comparativa carece de enquadramento teórico nos estudos de recepção. Em geral, o uso que dela se faz não serve para avaliar, e muito menos justificar, traduções.

Porque a grande questão é esta: devem os estudos de recepção manter o objectivo da avaliação da qualidade da tradução, como pretende a autora segundo as suas palavras de introdução à obra, procedendo, "à recolha de todas as traduções de textos anatolianos publicados em Portugal, efectuando a análise comparativa com os originais, por forma a aquilatar da sua qualidade"? Estes e outros resultados que conheço não são convincentes. Neste ponto, alguma coisa os estudos de recepção literária terão a aprender com os Estudos de Tradução. Todavia, não esqueçamos que o estudo de Palmira Rocha de Almeida sobre a recepção literária de Anatole France em Portugal não se restringe à obra agora publicada. Só esta esteve aqui em análise.